

“MOONLIGHT – SOB A LUZ DO LUAR” e o sofrimento emocional de homossexuais

"MOONLIGHT - BAJO LA LUZ DE LA LUNA" y el sufrimiento emocional de
homosexuales

"MOONLIGHT - UNDER THE LIGHT OF THE MOON" and the emotional suffering of
homosexuals

"LUMIÈRE - SOUS LA LUMIÈRE DE LA LUNE" et la souffrance émotionnelle des
homosexuels

Marlos Coutinho Alves de Souza¹

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Administração pela Universidade Federal Fluminense, MBA em Gestão de Negócios e Marketing, Graduado em Farmácia. Foi docente em cursos como Administração, Marketing, Gestão Hospitalar e Recursos Humanos. Experiência com Marketing para a Indústria Farmacêutica.

Atualmente atua como Business Controller na indústria alimentícia, Consultor e Instrutor de Educação Corporativa e Gestão de Pessoas filiado à SBPNL, São Paulo/SP. Interessa-se por pesquisas no campo da Diversidade sexual, Diversidade cultural, Gestão da Diversidade e Estudos Organizacionais.

Mariana Rambaldi²

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Administração pela Universidade Federal Fluminense, MBA em Direitos Humanos. Graduada em Psicologia na Universidade Federal Fluminense. Atualmente atua como Psicóloga na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Saquarema/RJ. Interessa-se por pesquisas no campo da Saúde no trabalho e Estudos Organizacionais.

Resumo

Este trabalho apresenta a análise do filme *Moonlight* – sob a luz do luar, do diretor Barry Jenkins, centrado no sofrimento emocional e a difícil experiência de vida enfrentada pelo personagem Chiron, um rapaz negro, homossexual e pobre, cuja vivência é representada por *bullying*, preconceito e ausência de base familiar como pano de fundo. O personagem central da trama cresce em um violento bairro de Miami, sob a influência de uma mãe usuária de drogas, um traficante local que o ensina lições de vivência e a namorada do traficante que sempre o acolhe nos momentos mais difíceis. Chiron precisa lidar com a hostilidade de seus amigos e familiares devido sua forma diferente de se comportar em sociedade e a forma como enxerga o mundo. O rapaz cresce e durante sua adolescência é preso. Após sair, torna-se também um traficante de drogas, porém, reencontra Kevin, um amigo de infância que durante a trama, apresenta-o uma nova realidade, a homossexualidade. O filme demonstra a dificuldade da sociedade em entender e aceitar a homossexualidade e o sofrimento emocional que esta população está submetida quando seus espaços iniciais de vivência não são acolhedores.

Palavras-chave: Sofrimento emocional; LGBTI; Homossexualidade; Preconceito; *Bullying*.

Abstract

This work presents an analysis of the movie *Moonlight*, directed by director Barry Jenkins, focusing on the emotional suffering and difficult life experience faced by the character Chiron, a black, homosexual and poor boy whose experience is represented by bullying, prejudice and lack of family background as a background. The central character of the plot grows in a violent neighborhood of

m.nf@outlook.com

marianarambaldi@hotmail.com

Miami, under the influence of a mother using drugs, a local drug dealer who teaches him lessons of experience and the girlfriend of the trafficker who always welcomes him in the most difficult moments. Chiron must deal with the hostility of his friends and family because of his different way of behaving in society and the way he sees the world. The boy grows up and during his adolescence is arrested. After leaving, he also becomes a drug dealer, however, finds Kevin, a childhood friend who during the plot, introduces him a new reality, homosexuality. The film demonstrates the difficulty of society in understanding and accepting the homosexuality and emotional suffering that this population is subjected to when their initial living spaces are not welcoming.

Key words: Emotional suffering; LGBTI; Homosexuality; Prejudice; *Bullying*.

Résumé

Ce document présente une analyse du film *Moonlight* - sous le clair de lune, Barry Jenkins, mis l'accent sur la détresse émotionnelle et l'expérience de la vie difficile dans laquelle le caractère Chiron, noir, homosexuel et pauvre garçon, dont l'expérience est représentée par l'intimidation, préjugés et manque de contexte familial en tant qu'arrière-plan. Le personnage central de l'intrigue se développe dans un quartier violent de Miami, sous l'influence d'une mère utilisateur de drogue, un revendeur local qui enseigne des leçons de l'expérience et la petite amie du trafiquant qui reçoit toujours des moments les plus difficiles. Chiron doit faire face à l'hostilité de ses amis et de sa famille en raison de sa façon différente de se comporter dans la société et de la façon dont il voit le monde. Le garçon grandit et pendant son adolescence est arrêté. Après son départ, il devient également un trafiquant de drogue, mais trouve que Kevin, un ami d'enfance qui a participé à l'intrigue, lui présente une nouvelle réalité, l'homosexualité. Le film montre la difficulté de la société à comprendre et à accepter l'homosexualité et la souffrance émotionnelle auxquelles cette population est soumise lorsque ses espaces de vie initiaux ne sont pas accueillants.

Mots-clés: Souffrance émotionnelle; LGBTI; Homosexualité; Préjugés; Intimidation.

Resumen

Este trabajo presenta el análisis de la película *Moonlight* - bajo la luz de la luna, del director Barry Jenkins, centrado en el sufrimiento emocional y la difícil experiencia de vida enfrentada por el personaje Chiron, un muchacho negro, homosexual y pobre, cuya vivencia está representada por bullying, el prejuicio y la ausencia de base familiar como telón de fondo. El personaje central de la trama crece en un violento barrio de Miami, bajo la influencia de una madre usuaria de drogas, un traficante local que le enseña lecciones de vivencia y la novia del traficante que siempre lo acoge en los momentos más difíciles. Chiron necesita lidiar con la hostilidad de sus amigos y familiares debido a su forma diferente de comportarse en sociedad y la forma en que ve el mundo. El muchacho crece y durante su adolescencia es arrestado. Después de salir, se convierte en un traficante de drogas, pero reencuentra a Kevin, un amigo de infancia que durante la trama, lo presenta una nueva realidad, la homosexualidad. La película demuestra la dificultad de la sociedad en entender y aceptar la homosexualidad y el sufrimiento emocional al que esta población está sometida cuando sus espacios iniciales de vivencia no son acogedores.

Palabras clave: Sufrimiento emocional; LGBTI; Homosexualidad; Preconcepto; *Bullying*.

**MOONLIGHT - SOB A LUZ DO
LUAR. *Moonlight*. Direção de Barry
Jenkins. EUA: A24 - Plan B
Entertainment, 2017. 111 min.
Legendado. Port.**

Filme lançado em 23 de
fevereiro de 2017 no EUA e de nome
original MOONLIGHT, estreado por
Alex R. Hibbert, Ashton Sanders,
Trevante Rhodes, Mahersala Ali,

Janelle Monáe, Naomie Harris, Andre Holland, Jharrel Jerome e Jaden Piner. O roteiro do filme foi assinado pelo roteirista Barry Jenkins. O roteiro do filme é uma adaptação do texto *In moonlight black boys look blue* escrito por Tarell Alvin McCraney, que por uma tradução popular pode ser entendido como “Sob a luz do luar todos os garotos negros parecem azuis”.

Para escrever a peça, McCraney baseou-se em sua própria e difícil experiência de vida enfrentada por ser negro, homossexual e pobre. McCraney cresceu em Miami, na região chamada *Liberty City* onde o diretor Barry Jenkins também morou. Depois de conhecer o texto, mesmo sendo heterossexual, Jenkins se identificou com diversos aspectos da história, adquirindo direitos para o cinema e posteriormente convidou McCraney para escrever a adaptação.

A película em questão foi a vencedora da maior premiação da cinematografia do mundo, recebendo o Oscar de melhor filme, o que não nos soa como uma grande surpresa tamanha a preocupação do roteirista em transmitir emoção e realidade. O filme gira em torno de Chiron, um garoto negro, homossexual e pobre residente no bairro de *Liberty City*, Miami/EUA - filho de Paula, uma viciada, e de pai

desconhecido, onde cresce com a ajuda e conselhos inspiradores do traficante de drogas Juan e de sua namorada Teresa. O filme é dividido em três partes – I) Little, II) Chiron e III) Black – todas repletas de emoções do início ao fim. Diante disso, a resenha acompanha a apresentação do filme e será norteadada em três etapas, contrastando com referenciais LGBT, bullying e sofrimento emocional.

Na primeira parte, as cenas denotam a infância de Chiron e o início do relacionamento com Juan, o traficante do bairro: Juan presencia Chiron sofrer *bullying* e sendo perseguido por crianças maiores justamente pelo jeito diferente de perceber e vivenciar o mundo, dotado de maneira delicada e menos masculinizado do que os demais garotos. Chiron é encurralado em uma casa usada para consumo de drogas, e Juan o encontra. O rapaz permanece em silêncio durante um longo tempo.

O menino não consegue socializar com outras crianças porque é considerado mole e frequentemente é excluído das brincadeiras infantis, porém, sempre recebe a atenção de Kevin, um garoto aparentemente da mesma idade.

Chiron frequentemente procura Juan para passar seus dias com o

traficante que o ensina lições de vida. Uma parte muito importante da vivência ocorre quando Juan afirma que os negros foram os primeiros habitantes do planeta Terra, e que “tem hora que você precisa decidir quem quer ser – não deixe ninguém decidir isso por você”. Frequentemente o rapaz chega em casa e presencia sua mãe Paula em uso de drogas ou recebendo homens em casa. Em uma passagem marcante da primeira parte do filme, Paula discute com Juan sobre o relacionamento dele com o menino Chiron satirizando a forma como o garoto anda, como age, e explica que essa é a explicação do menino sofrer *bullying* dos amigos na escola e na sociedade onde vivem.

Na segunda parte do filme, Chiron aparenta ser um adolescente na faixa de 16 a 18 anos e extremamente hostilizado em sua comunidade, onde segue sofrendo com comportamentos sociais violentos advindos de seus pares na escola e, em consequência disso recebe a atenção somente de seu amigo de infância Kevin. O adolescente precisa lidar com o fato de morar em um bairro dominado pelo tráfico, ter uma mãe que o expulsa de casa para se prostituir em troca de pedras de crack, ser pobre, não ter uma fonte de renda que o alimente.

Teresa, a namorada do falecido traficante Juan frequentemente o recebe em sua casa para que o mesmo pernoite e tenha uma dignidade para dormir já que sua mãe sempre o dispensa de casa para que receba homens. A comunidade hostiliza Chiron por frequentar a casa de Teresa, e esta sempre lhe confere dinheiro como forma de auxílio, porém sua mãe Paula rouba para consumo de crack. Chiron aparenta ter mais momentos de tristeza em sua vida do que qualquer outra coisa, e raros são os momentos de felicidade, ocorridos apenas quando encontra Kevin.

Em uma das cenas do filme, Chiron consome maconha com Kevin na praia, e eles se beijam. Neste momento, Kevin apresenta o mundo homossexual a Chiron. O rapaz sequer sabe lidar com esta nova situação ao demonstrar inexperiência e fragilidade emocional, pedindo desculpas a Kevin, que diz: “Tá se desculhando do quê”?

Chiron ainda precisa lidar com muitas situações adversas em sua adolescência, como o fato de encontrar a mãe prostrada no sofá quando chega em casa, drogada e largada, com a chantagem emocional de sua mãe, que o hostiliza através de dominação psicológica utilizando frases como “Você não me ama mais, só ama a Teresa”.

Já Kevin relaciona-se muito bem com outros rapazes na escola, pois não é uma pessoa estigmatizada. Porém, Chiron precisa lidar com mais uma dificuldade que é o ataque físico que sofre de Kevin na escola, quando um grupo de garotos estimula Kevin a bater no rapaz como consequência de um ato de pressão psicológica. Chiron vê seu mundo ruir quando a única pessoa em quem confiava agride-o fisicamente. E como em um grande ato de revolta, Chiron ataca o rapaz, amigo de Kevin, que planejou o ataque a ele. Neste momento, o filme mostra que algo muda dentro do coração de Chiron, que vai preso ainda antes de completar a maior idade.

Na terceira e última parte, Chiron sai da cadeia e assume o tráfico na cidade de Atlanta, estado da Geórgia, local onde fica preso por 10 anos. O agora homem coloca em prática todas as influências que recebeu de Juan em sua infância, e exprime os mesmos comportamentos e referências. Chiron frequentemente recebe ligações de Paula, sua mãe, que após 10 anos segue internada em uma clínica de reabilitação por uso de drogas. O agora adulto tem problemas para dormir, o que sinaliza ser um problema psicológico.

Em uma das cenas do filme, Chiron visita Paula na clínica de

reabilitação, e ela faz de tudo para que seu relacionamento e convivência com ele seja reestabelecido. Paula o questiona ter se tornado o gerente do tráfico, e o filme parece mostrar que essa foi a única oportunidade encontrada por Chiron para viver e seguir em frente. Chiron resolve aceitar os pedidos de desculpas de sua mãe.

Kevin liga para Chiron que mostra surpresa ao receber o telefonema do amigo de infância. Este o convida para visitar seu trabalho, uma cafeteria no subúrbio de Miami onde trabalha como cozinheiro. Kevin ainda aprende a lidar com uma nova conformação de vida: uma liberdade condicional por besteiras feitas na vida, um filho pequeno e responsabilidades de adulto.

Chiron decide visitar Kevin na cafeteria, e o agora reabilitado parece muito surpreso ao vê-lo tão diferente: fisicamente forte, usando dentadura e cordões de ouro, andando em um carro caro, frutos da influência do tráfico de drogas e da nova conformação de vida de Chiron. Kevin cozinha um jantar para seu visitante, que bebem vinho, e durante diversos assuntos, Chiron questiona Kevin sobre o motivo de sua ligação telefônica. Este responde que havia recebido a visita de outro homem na cafeteria, este que colocou uma música romântica no jukebox, fazendo-

o recordar de como são mais do que amigos de infância.

O filme termina com Chiron e Kevin ao sair da cafeteria após o estabelecimento fechar e seguem para a casa do morador de Miami. Lá, a conversa denota que Kevin ainda se interessa por Chiron, e que está aberto a recomeçar sua vida, dessa vez escolhendo seus caminhos. Chiron declara abertamente que Kevin foi o único homem que tocou nele em toda a sua vida. Um clima amistoso ocorre no fim do filme, mostrando cenas da infância de Chiron.

Contextualizando o filme

O filme é dividido em três partes que demonstram as fases da vida de Chiron durante sua infância, adolescência e vivência adulta. A película denota produções sociais que demarcam sobre a realidade sobre o que é ser negro e gay em uma sociedade excludente e de padrões de normalidade tão rigidamente estabelecidos.

A primeira parte do filme demonstra o processo de bullying que o personagem sofre em sua sociedade e na escola. Na sociedade que se vive atualmente é imposta desde a infância modelos de gênero e raça que traçam um caminho tido como natural do qual

se deve seguir. Para algumas sociedades, há uma complexidade em “assumir-se” gay dentro de uma família que possui, em sua constituição, os mesmos elementos sociais homofóbicos da sociedade. Desta forma, inicia-se assim o enfraquecimento das dimensões físicas e psíquicas como sujeito, somadas à ausência de entendimento e vulnerabilidade por parte da sociedade (Mott, 2009; Scisleski, 2014).

Quando a violência física ou psicológica contra uma pessoa de forma intencional ou repetida é algo recorrente, é caracterizada de *bullying*. Este é um comportamento que não se trata de forma esporádica ou de apenas brincadeiras de crianças, é um fenômeno que se dá no ambiente escolar ou social, de forma violenta e que propicia uma vida de sofrimentos ou conformismos. As consequências propiciam danos físicos, morais e materiais manifestados através de insultos, apelidos cruéis ou gozações que magoam, ameaças, acusações injustas, hostilização por grupos que levam a vida de muitos à exclusão (Azeredo, Miranda & Souza, 2012; Fante, 2002).

O *bullying* pode ocorrer direta ou indiretamente - O *bullying* direto é caracterizado por ameaças, agressões físicas, apelidos, furtos ou toda ação que

provoca mal estar nas vítimas; o *bullying* indireto é praticado através do isolamento. As vítimas são escolhidas por sua diferença física, comportamental ou emocional. Expostas a estas agressões, a vítima desenvolve transtornos como baixa autoestima, depressão, pensamentos suicidas ou violência a outros (Lopes Neto, 2005). Observa-se com isso que a mãe de Chiron não estabelece relação de afeto e diálogo com o filho, apesar de ter conhecimento de sua vida, caracterizado por *bullying* indireto.

Assim como no filme, a aparente aceitação dos adultos, a falta de apoio familiar no momento em que o adolescente sofre com comportamentos sociais destrutivos somados à impunidade contribui para perpetuação da prática do *bullying* (Lopes Neto, 2005; Miskolci, 2010).

Contrária a esta realidade, a escola pode ser um espaço potente de pensamentos e caminhos diferentes, colocados em prática por alunos e professores, objetivando ações que desconstruam olhares heteronormativos, pois toda relação de poder que apresenta a liberdade, é capaz de gerar atos de resistência (Foucault, 2014).

Na segunda parte do filme, o personagem é submetido a mais formas de opressão. A população negra

LGBTI¹ se encontra mais inclinada ao sofrimento por violência, acumulando em si também as violências com raízes nas questões de gênero e de classe. Essa sobreposição acarreta não só em diferenças qualitativas em relação às bandeiras levantadas e a levantar, como também por uma dinâmica que envolve mais de uma – senão várias estruturas de marginalização, como por exemplo o distanciamento das políticas públicas.

A psicossociologia demonstra que há dois imaginários prevalentes e que são indissociáveis: o da excelência e o da inutilidade. Enquanto o imaginário da excelência enfatiza os valores de poder, carreira e de qualificação social, o outro lado da moeda, é a inutilidade que indica como centrais valores de fracasso, falta de inserção e desqualificação. Este é o lugar da exclusão social, onde se inserem os inúteis do campo social (Carreteiro, 2003). No grupo de sujeitos do imaginário da inutilidade, dos indivíduos inúteis, a experiência do

³LGBTI é o termo que designa pessoas de orientação homossexual, denominadas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais. Os autores escolheram utilizar a sigla LGBTI como forma de visibilizar a população intersexual.

sofrimento social, representada pela humilhação, vergonha e falta de reconhecimento, se faz presente. É nas categorias mais subalternizadas que estão as situações mais intensas de humilhação, depreciação e desqualificação de códigos socioculturais que produzem sentimento de vergonha. Para Carreteiro (2003) a hipótese que se coloca é que “este sofrimento não tem visibilidade; ele se inscreve no interior das subjetividades sem, no entanto, ser compartilhado coletivamente”.

Já para Pusseti e Brazzabeni (2011), o sofrimento social resulta de uma violência cometida pela própria estrutura social e não por um indivíduo ou grupo que dela faz parte: o conceito refere-se aos efeitos nocivos das relações desiguais de poder que caracterizam a organização social. O sofrimento social é o resultado, em outras palavras, da limitação da capacidade de ação dos sujeitos e é através da análise das biografias dos sujeitos que podemos compreender o impacto da violência estrutural no âmbito da experiência quotidiana.

A afirmação proposta por Carreteiro (2003) e por Pusseti e Brazzabeni (2011) vão de encontro à realidade vivida pelo personagem Chiron. Em diversas passagens, o filme

deixa claro o sofrimento emocional experimentado. Obviamente este sofrimento é vivido na adolescência do personagem e acompanhado por situações de humilhação, vergonha, depreciação, em sua comunidade, por ser diferente de seus colegas que vivem uma cultura heteronormativa. Já na fase adulta, o personagem experimenta o sofrimento da invisibilidade da cultura LGBTI, e subjetivamente percebe-se que o mesmo assume o papel de homem masculino heteronormativos como forma de autoproteção social, seja na comunidade onde vive, ou seja em sua atividade laboral, como traficante de drogas, haja vista que determinadas atividades laborais exigem uma postura masculinizada, segundo a cultura heteronormativa.

Algumas pessoas estão mais inclinadas à probabilidade de conhecer o sofrimento social, fenômeno que provoca marcas psíquicas com pouca ou nenhuma visibilidade social, manifestada pela vergonha, humilhação ou falta de reconhecimento, conforme proposto anteriormente. Este sofrimento social manifesta-se em categorias subalternizadas, a exemplo do segmento LGBTI, segundo Carreteiro (2003). Diante da ótica da psicossociologia, os homossexuais e todo o segmento LGBTI da sociedade está sob efeito das

humilhações implícitas, que são sutis, deixam traços apenas no psicológico dos sujeitos, sem traços corporais, que também se manifesta através da homofobia.

A homofobia é um fenômeno plural e faz referência a um conjunto de emoções e comportamentos negativos de uma pessoa ou grupo de pessoas em relação aos homossexuais. É também um dispositivo de controle que reforça a ideia de naturalização da normalidade relacionada à orientação heterossexual. Manifesta-se nas relações sociais por meio de agressões físicas, verbais, psicológicas e sexuais, associada aos sintomas psicopatológicos e sentimentos negativos, provocando medo, incômodo, ódio, repúdio, mas também em relação ao preconceito, à discriminação e à violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (Natareli *et al.*, 2015).

Disfarçada na homofobia, está a estigmatização. O conceito de estigma proposto por Erving Goffman é atravessado pela abstração da presença física entre os estigmatizados e os normais, ou seja, o conceito apresentado remete à ideia da presença corporal entre tais grupos. Assim, as pessoas

normais² preveem as categorias e os atributos de um estranho que se aproxima. Essas preconceções elaboradas pelos normais, são transformadas em “expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (Goffman, 1975:12). Para Goffman “a sociedade estabelece meios de categorizar pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”.

Goffman (1975) categoriza que o estigma pode ocorrer por três circunstâncias: abominações do corpo, como as diversas deformidades físicas; culpas de caráter individual, como: vontade fraca, desonestidade, crenças falsas; e estigmas tribais de raça, nação e religião que podem ser transmitidos pela linguagem. Em todas essas tipologias pode-se encontrar a mesma característica sociológica: “um indivíduo que poderia ser facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se pode impor atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus”. Sendo assim, a teoria da estigmatização proposta por Goffman atinge o

⁴Termo definido por Goffman como aqueles que estigmatizam.

personagem Chiron em momentos em que ele sofre pelo estigma gerado por sua mãe quando o acusa de ser fraco, por seus amigos quando o negligenciam e dizem ser diferente dos demais meninos.

A terceira parte do filme demonstra o caminho percorrido pelo personagem já adulto quando assume o tráfico de drogas de uma grande cidade americana. A realidade social experimentado pelo sujeito em sua infância e adolescência demonstra que o único caminho ofertado ao personagem obviamente é o do tráfico de drogas e violência.

A sociedade evidencia em seus discursos a causa da criminalidade, ora devido à inexistência de uma base familiar sólida ou estruturada, que seria incapaz de transmitir valores aceitos pela sociedade vigente, ora por uma aptidão natural do próprio caráter. No caso da infância e da juventude postula-se que tal população é criminosa devido à própria natureza, como algo inato, parte de sua essência individual, ou ainda enquanto uma inadequação do jovem que, desse modo, precisa ser disciplinado para adequar-se à sociedade (Scisleski, 2012).

Assim, observa-se uma produção social que atribui a criminalidade juvenil à pobreza e a violência, de

forma silenciosa, que ganha visibilidade como uma população de mártires de uma sociedade que sacraliza a miséria, ou como ameaça aos cidadãos que têm seus direitos assegurados e efetivados. No entanto, antes de produzir um infrator, identifica-se a formação de jovens que vivem em situação de violação de direitos e protagonistas de uma relação de abandono (Soares, 2006).

Em 2016, foi publicado o Dossiê da Violência contra a população negra LGBTI. De acordo com o Mapa da Violência elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (2016), morrem por armas de fogo no Brasil 2,6 mais pessoas negras do que brancas. Enquanto, entre os anos de 2003 e 2014, a taxa de homicídios por armas de fogo cai 27,1% para pessoas brancas, a mesma aumentou para pessoas negras em 9,9%.

Enquanto o número de vítimas jovens brancas cai em 32,3%, o número de vítimas jovens negras aumenta em 32,4%, conforme o Mapa da Violência: Os jovens do Brasil de Julio Waiselfisz (2014). Enquanto isso, também a população LGBTI sofre diversas formas de violência que sequer são mapeadas pelo Estado Brasileiro, como o caso de violências sexuais, psicológicas, patrimonial ou moral, que se inserem no

artigo 7º da Lei 11.340/2006, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica contra a mulher brasileira, mas que poderia ser estendida à população LGBTI que sofre vulnerabilidades semelhantes.

Tanto o Dossiê da Violência contra a população negra LGBTI, quanto o Mapa da violência: Os jovens do Brasil de Julio Waiselfisz vão de encontro à realidade experimentada pelo personagem central do filme, Chiron. Apesar do filme não evidenciar mortes por armas de fogo contra a população LGBTI, diversas são as pesquisas em volta do mundo que relacionam ambientes que possuem um baixo nível de estrutura familiar à criminalidade. Inclusive, o filme demonstra claramente que, o ambiente onde Chiron vivenciou durante sua infância e adolescência o influenciou como estratégia de sobrevivência a adentrar o tráfico de drogas como oportunidade de sobrevivência. Assim, a violência enquanto um complexo processo relacionada à dinâmica social, afeta a integridade física, moral, mental ou espiritual das pessoas. É um fenômeno multicausal, na medida em que se relaciona à evolução da civilização e aos instintos de sobrevivência, bem como pode assumir um caráter eminentemente social, resultante das

diferenças e desigualdades existentes entre as pessoas (Natareli *et al.*, 2015).

Segundo a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, são alarmantes os altos níveis de discriminação, violência e sofrimento contra as pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros afrodescendentes em toda a América, principalmente em países como Brasil, Colômbia, Nicarágua e Estados Unidos. Nos países Caribenhos de língua inglesa, locais onde a presença negra é mais intensa, a situação é mais complexa e sutil. A Comissão observa que quanto mais escura o tom de pele da pessoa, menos oportunidades existem para desenvolvimento pessoal e econômico, refletindo o impacto do legado colonial. Levando isso em consideração, as pessoas de ascendência africana com orientações e identidades de gênero não normativas podem enfrentar atos de violência e discriminação com base em sua raça, etnia, gênero, sexo, orientação sexual, identidade de gênero, cor da pele ou situação de pobreza, perpetrada tanto por pessoas que não são descendentes de africanos quanto por aqueles que são.

Ainda segundo a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, nos Estados Unidos, várias organizações relatam que pessoas

LGBTI afrodescendentes sofrem altos níveis de violência. Em particular, mulheres transexuais de ascendência africana e, em geral, mulheres transexuais de cor. Por exemplo, de acordo com a organização não governamental *National Coalition of AntiViolence Programs* (NCAVP), 55% dos homicídios de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros em 2014 foram de mulheres transexuais, e 50% eram de mulheres transexuais de cor. Além disso, 80% de todas as vítimas de homicídios de pessoas LGBTI em 2014 eram pessoas de cor.

Em outros países, jovens homossexuais têm mais chance de praticarem o suicídio do que aqueles que se declaram heterossexuais, realidade esta que foi reproduzida no Brasil. Pesquisadores da Unesp buscaram uma associação entre tentativas de suicídio e orientação sexual em três municípios do interior de São Paulo, entre jovens de 12 a 20 anos de idade. Dentre o grupo de adolescentes que se assumiram não heterossexuais, os mais vulneráveis que foram identificados, são aqueles jovens que se auto definiram como bissexuais, ou seja, aqueles que foram um grupo de pessoas menos assumidas (Teixeira-filho *et al*, 2012).

Neste sentido, o trabalho contribui para o avanço dos estudos do suicídio e da diversidade, debates crescentes na grande massa da população brasileira. O estudo demarca um momento em que pesquisadores passam a olhar e investigar as relações de LGBTI (Eribon, 2008). Concluíram, nesta pesquisa, que o suicídio é uma problemática de saúde pública e que a população de não heterossexuais precisa de atenção nos espaços de atendimento, assim como há a necessidade de abordagens específicas para prevenção e atenção que estão relacionadas a essa conduta.

O estresse das minorias vem sendo associado a problemas adversos de saúde mental e integrantes LGBTI, especialmente dentro da própria família que não aceita o jovem. Comparado à famílias que aceitam, nas famílias que não aceitam são identificados estressores que geram conflitos e tem como resultado problemas sociais de origem psicológica como depressão, tentativas de suicídio, uso de drogas lícitas e ilícitas, falta de diálogo e informação, engajamento em relações sexuais desprotegidas. Além disso, jovens declarados não heterossexuais apresentam discursos, opiniões e valores homofóbicos, sexistas e heterocentrados, o que revela que no

ambiente escolar, onde esses adolescentes estão inseridos, é carregado de posicionamentos e discursos discriminatórios, que influenciam em suas formações (Albuquerque et al, 2017; Teixeira-filho et al, 2012). Tal afirmação vai de encontro à vivência de sofrimento experimentada pelo personagem central do filme em análise.

Conclusão

A família e a profissão representam as principais instituições durante a vida em sociedade, representando os principais meios responsáveis por tornar os seres humanos sujeitos e cidadãos localizados em num contexto social, histórico, cultural e político. Ao nascer, espera-se que o ser humano seja acolhido pelos adultos que serão sua família e que se tornarão os responsáveis pelos cuidados básicos, o que concederá à criança o direito de viver e continuar a se desenvolver.

A escola enquanto espaço educacional formal, juntamente com a família e a comunidade tornam-se para a criança um alicerce para desenvolvimento de sujeitos prontos para viver em sociedade. A profissão, por sua vez, permite que a pessoa torne-

se um adulto responsável (ou o jovem precoce e violentamente tornado responsável pela sociedade) se estabeleça, se mantenha viva e em relação com as comunidades e sociedade das quais faz parte.

Diante disso percebe-se que o filme denota parte das principais representações sociais impostas ao segmento negro LGBTI como a estigmatização, homofobia, criminalização precoce manifestada em atitudes como tráfico de drogas e violência, o *bullying* e a exclusão social. Tais práticas são evidentemente danosas para a formação de um cidadão produtivo para a sociedade, refletindo-se em problemas de relacionamento, problemas de origem social e afetivos.

Negando esta realidade, a escola deve exercer um forte papel crítico e provedor de caminhos diferentes, desenvolvendo assim ações que desconstrua olhares heteronormativos pois como afirma Foucault, “toda relação de poder que apresenta a liberdade, é capaz de gerar atos de resistência”. Diante disso, a escola por exercer um papel transformador de pessoas na sociedade, deve ser um agente de inclusão social, evitando propagar uma educação sexista, machista, LGBTIfóbica ou racista, que

segregue homens e mulheres em estereótipos de força ou fraqueza.

Os adultos, aqueles que ocupam papel importante na vida dos jovens, por sua vez, incentivam práticas de bullying na escola quando se calam diante da emergência da sexualidade ou comportamento tido como diferente e se tornam cúmplices da ridicularização e humilhação de jovens quando não promovem espaços de diálogo e acolhimento saudáveis para o fortalecimento psicológico das crianças.

A violência emocional faz com que as pessoas estejam sempre em estado de alerta, produzindo uma extrema preocupação com seu estado de integridade física, refletidas ou não em seu estado de saúde. Tal estado de violência, espelhado pelos casos de estigmatização, homofobia, silenciamento de demandas coletivas geram estatísticas de violência física

quando não tratadas ou coibidas pela sociedade. Não podemos fingir que a problemática é irrelevante, tampouco de ser encoberta por valores morais e tradicionais ligados à estrutura patriarcal. O trabalho também é uma questão de saúde pública.

Os dados sobre a violência física são apenas a ponta de um iceberg já submerso, pois o fracasso das políticas públicas de segurança contra a população LGBTI vividas em todo o mundo mostra que os crimes de ódio contra homossexuais são subnotificados, já que muitas vezes se baseiam apenas em dados obtidos na mídia.

Isso mostra que, em muitos locais do mundo, a sociedade LGBTI ainda paga um preço muito grande por ser quem é, e às vezes, com a própria vida.

Referências

- Albuquerque, G. A. (2017). Violência como violação dos direitos humanos de minorias sexuais: impactos na saúde. *Revista Saúde.com*, 13(4)1034-1043.
- Carreteiro, T.C. (2003). Sofrimentos sociais em debate. *Psicologia USP*, 14(3), 57- 72.
- Chiara Pussetti e Micol Brazzabeni (2011). Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. *Etnográfica [Online]*, vol. 15 (3).
- Dossiê da violência contra a população negra LGBT (2016): Instituto Race and Equality. Disponível em: <http://raceandequality.org/wp-content/uploads/2015/08/DossRede-Afro-2016.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2018.
- Eribon, D. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

- Fante, C. A. Z. (2002) Bullying escolar. In: Violência nas escolas. *Jornal Diretor Udemo*, ano v, n.2.
- Foucault, M. História da Sexualidade I: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- Goffman, E. (1975). Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC.
- Lopes Neto, A. (2005) Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.
- Miskolci, R. Um corpo estranho na sala de aula. In: Anete Abramowicz; Valter Roberto Silvério (orgs.). *Afirmando diferenças: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2010. p. 13-26.
- MOONLIGHT: sob a luz do luar. Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-242054/creditos/>. Acesso em 16 de maio de 2018.
- Mott, L. (2009). O jovem homossexual: noções básicas para professores, jovens gays, lésbicas, transgêneros e seus familiares. In: Figueiró, M. N. D. *Em busca de mudanças*. Londrina: UEL, p. 17 – 34.
- Teixeira-Filho, Fernando Silva, & Rondini, Carina Alexandra. (2012). Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade*, 21(3), 651-667
- Scisleski, A. C. C. et al. (2014) Medida Socioeducativa de Internação: dos Corpos Dóceis às Vidas Nuas. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 34, n. 3, p. 660-675.
- Scisleski, A; Reis, C., Hadler, O., Weigert, M. A. B., & Guareschi, N. (2012). Juventude e pobreza: a construção de sujeitos potencialmente perigosos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(3), 19-34.
- Soares, L. E. (2006). *Justiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Violência contra Personas Lesbianas, Gay, Bissexuales, Trans e Intersex en América / Comisión Interamericana de Derechos Humanos. OEA/Ser.L/V/II. Rev.2.Doc. 36. Disponível em <http://www.oas.org/es/cidh/informes/pdfs/violenciapersonaslgbti.pdf>. Acesso em 06/08/2018.
- Qual a origem de Moonlight: Sob a Luz do Luar? Disponível em <https://valeugutenberg.wordpress.com/2017/02/27/qual-a-origem-de-moonlight-sob-a-luz-do-luar/>. Acesso em 16 de maio de 2018.

Data de Submissão: 04/06/2018

Data de Aceite: 31/08/2018